

Menor transferência de recursos é a proposta de Funaro ao FMI

por Cláudia Safatle
de Brasília

"Estamos levando propostas para normalizar o sistema financeiro internacional. Até agora estávamos negociando como administrar a crise. E a mensagem do Brasil será a de como sair da crise. É uma posição completamente diferente."

Essas declarações foram feitas na sexta-feira pelo ministro da Fazenda, Dilsen Funaro, antes de embarcar para Washington, no domingo, para participar da reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (BIRD), que se realiza entre os dias 8 e 11 de abril.

"Nós vamos para uma viagem onde pretendemos rediscutir — o grupo de países em desenvolvimento — a reforma do sistema financeiro e monetário internacional. Existe uma posição dos países em desenvolvimento quase que exigindo uma discussão entre estes e os países desenvolvidos", insistiu o ministro da Fazenda, reiterando que "nós temos de arrumar mecanismos para normalizar o mercado financeiro internacional e não criar mecanismos de convivência com a crise, como tem sido feito até agora".

Também o presidente do Banco Central, Fernando Bracher, que embarca junto com o ministro da Fazenda para Washington, sinalizou a posição que será levada pela missão brasileira: "Temos de sair dos acertos de curto prazo e atacar as causas de fundo do problema externo, as taxas de juro e as políticas protecionistas, além de uma melhor reciclagem do sistema financeiro internacional".

Segundo relato da editora Maria Clara R.M. do Prado, Bracher acentuou que a própria renegociação que foi fechada com os bancos credores, envolvendo as dívidas de 1985 e de 1986, poderá ser reformulada e incorporadas a um acerto plurianual. "Nós preparamos o terreno para isso", disse ele.

PROPOSTA

O ministro não avançou no detalhamento de quais são, concretamente, as propostas dos países devedores que o governo brasileiro pretende capitanear. Mas o coordenador da assessoria internacional do Ministério da Fazenda, ministro Alvaro Gurgel de Alencar, adiantou a este

jornal, como um dos participantes da delegação brasileira, que Funaro colocará, na reunião do comitê interino, a necessidade de reduzir a transferência de recursos para o exterior, que, no caso brasileiro, atinge quase 5% do PIB, e que "a economia mundial parece estar preparada para reduzir as taxas de juro internacionais, principalmente agora que a redução dos preços do petróleo cria uma margem importante de contração da inflação". Nesse contexto, sustentou o ministro Alencar, "uma baixa dos juros que estimule investimentos não traria efeitos perniciosos, reacendendo as expectativas inflacionárias".

A essência das discussões dos países em desenvolvimento é de que a co-

munidade financeira internacional não pode mais "assistir passivamente à crise e à situação do México, do Peru, da Nigéria, entre outras nações, que "só ajudam a mostrar que a crise continua e que é preciso agir", acrescentou o ministro Alencar. Ele acredita que as discussões poderão caminhar para a realização de uma conferência financeira e monetária internacional, como já propôs o presidente Ronald Reagan ao Congresso norte-americano, onde países devedores e credores se sentariam à mesa para rediscutir a eficácia das instituições como o FMI, o BIRD, o BID e outras agências oficiais. A expectativa é de que a reunião do FMI pavimente o encontro dos sete países de-

envolvidos, em Tóquio, no início de maio próximo.

CLUBE DE PARIS

O ministro Alencar segue diretamente de Washington para Paris, onde se encontrará com o diretor da Dívida Externa, Antonio de Pádua Seixas, e ambos iniciam na terça-feira, dia 15 de abril, as negociações com o Clube de Paris. Apesar de o Clube de Paris ser bastante ortodoxo na exigência de um acordo com o FMI para fazer o reescalonamento das dívidas, Alencar adiantou que vários governos já manifestaram ao governo brasileiro a concordância em negociar, considerando que o aval do FMI não se coloca mais, diante do programa de estabilização da economia brasileira.